

## **As significações do trabalho em *A hora da estrela* de Clarice Lispector**

**FANINI, Angela Maria Rubel Fanini. Professora Dr. da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Endereço: Avenida Sete de Setembro, 3165, Rebouças, Curitiba, PR, CEP 80230-901. E-mail: rubel@utfpr.edu.br**

**VILELA, Carla Prado Lima Silveira Vilela. Graduanda do Curso de Letras da UTFPR e bolsista do CNPq de Iniciação Científica da UTFPR. Endereço: Avenida Sete de Setembro, 3165, Rebouças, Curitiba, PR, CEP 80230-901. E-mail: carlaprado2000@gmail.com,**

**RESUMO:** Este artigo analisa as representações do universo do trabalho em *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. A abordagem se vale das reflexões de Marx, Engels, Lukács e Antunes. Resultou daí uma tipologia do trabalho em que este se constitui nas seguintes dimensões: mecanicista e alienante; humanizador e socializador; dicotômico entre trabalho material e intelectual e dado pela ótica do lucro e do *status*.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira. Romance. Universo do Trabalho e da Tecnologia.

### **The meanings of labor work in the novel *A Hora da Estrela* by Clarice Lispector**

**ABSTRACT:** This article analysis the literary representation of labor world in *A Hora da Estrela*, by Clarice Lispector. Some theoretical reflections on the world of work was used, having the background of Marx, Engels, Lukács, and Antunes. From this perspective, work was represented as mechanic and alienating; medium of humanization and socializing; dichotomic between physical and intellectual work and from the perspective of profit and status.

**Key-words:** Brazilian Literature. Novel. Work and Technological Universe.

O foco deste artigo é o mapeamento e análise do universo do trabalho na obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector e publicada em 1977, objetivando discutir e observar como a atividade laboral é concebida na vida das personagens.

Para alguns autores como Marx (1986), Engels (1990), Lukács (1980) e Antunes (1999), o ofício do trabalho é uma atividade vital e existencial para a constituição do ser

social. Sem o trabalho, a subsistência, o desenvolvimento da sociedade e/ou do próprio homem, não seriam possíveis, ou seja, a atividade laboral é formadora; é elemento ontológico. A obra de Marx, majoritariamente, é destinada às interpretações das contradições entre capital e trabalho, destacando neste, os reais sujeitos das mudanças políticas e econômicas para a construção de outro desenho social, demonstrando ser o trabalho coletivo e significativo e não alienado a condição de emancipação dos sujeitos. Engels, parceiro intelectual de Marx, também defende a tese de que o trabalho é a condição básica de toda a vida humana. Para Engels, todo o processo evolutivo humano, tanto físico como social, deveu-se ao trabalho. Para Lukács, o trabalho é visto como elemento fundante do ser social e atividade imanente da própria existência humana, sendo elemento impulsionador para a dinâmica da vida em sociedade. O trabalho é a própria “práxis social” que dá sentido à vida em sociedade. Antunes, seguindo e atualizando essa linha de pensamento, enfatiza a necessidade de ter-se uma vida plena de sentido no trabalho. Essa plenitude do universo laboral se espalha para a vida fora do trabalho, imprimindo-lhe um novo sentido. Pensa-se em termos de totalidade em que a articulação positiva entre vida e trabalho traz satisfação ao ser humano, minimizando os problemas da falta de interação como a fragmentação e a alienação.

Nos registros escritos, em diferentes épocas, culturas e grupos sociais, o ofício do trabalho tem sido concebido de maneiras distintas e isso contribui para formar, cristalizar e constituir identidades para o trabalho e trabalhador (a) nessas diferentes situações. No caso da Literatura, a análise que considera a representação do universo do trabalho no âmbito ficcional é ainda escassa visto haver poucas investigações com esse foco. Entende-se aqui representação não como documento fiel dos fatores extraliterários, mas resultante da articulação recriadora do real operada a partir do universo literário. O presente estudo se vincula à Linha de Pesquisa Trabalho, Tecnologia e Cultura, cujo objetivo é investigar e mapear como ocorrem essas representações simbólicas em textos literários. Pretende-se, então, em *A Hora da Estrela* destacar e interpretar a representação do trabalhador nas diversas esferas funcionais e sociais, ressaltando-se a representação do escritor, da datilógrafa, da estenógrafa, do metalúrgico, das balconistas, do empresário, do médico e da cartomante.

Para isso, investiga-se, nesta obra, como o escritor concebeu e formalizou, por intermédio da literatura, parte do contexto sócio-laboral de sua época. Segundo Cândido

(1976), o aspecto da realidade que uma obra exprime, ou seja, os fatores extraliterários, não podem ser dissociados das operações formais postas em jogo, isto é, dos aspectos internos que garantem a autonomia da obra literária. É na dialética entre os componentes externos e os internos que se articula o discurso literário:

(...) só a podemos entender (a obra literária) fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se portanto interno. (p. 5 - 6.)

Seguindo-se essa abordagem, pretende-se verificar como ocorrem as contradições e interações entre o externo e o interno, constituindo-se o texto literário não como espelho, mas em diálogo permanente com seu entorno. Também, segue-se uma perspectiva materialista da linguagem em que se advoga que o signo lingüístico reflete e refrata<sup>1</sup> a realidade. Há uma articulação entre as palavras e as coisas, porém mediada por muitas variáveis, a saber, a visão de mundo do autor e os discursos que constituem a fala do autor que estão conectados tanto a uma temporalidade imediata quanto a outra bem mais extensa que faz parte de um conjunto discursivo historicamente constituído e de longa duração.

A fábula de *A Hora da Estrela*, entre outras situações, narra parte da vida de Macabéa, retirante nordestina, na cidade do Rio de Janeiro. Macabéa tipifica o pobre, o solitário e o desprovido de certos atributos da cultura burguesa. Sua existência desliza entre o simplório e o complexo, causando estranhamento. Entre a mesmice de um dia e outro, conhece Olímpico de Jesus, jovem nordestino, pobre, audacioso e operário de uma metalúrgica. Este, porém, muito ambicioso, não vê em Macabéa atrativos físicos e possibilidade de ascensão social. Encontra esses elementos em Glória, colega de trabalho de Macabéa, carioca, oriunda de estratos médios da população, cujo pai era açougueiro, atributos que a tornam distinta na perspectiva de Olímpico. Sentindo constantes dores, Macabéa vai ao médico e descobre-se com tuberculose. Glória, compadecida da colega, aconselha-a a ir a uma cartomante. Madame Carlota profetiza felicidade e um grande amor na vida de Macabéa. Essa, ao sair da cartomante, é atropelada por um veículo e morre.

Macabéa, oriunda do sertão do Alagoas, perde os pais quando criança, sendo criada pela tia, cursando o primário até o terceiro ano. Sabe cerzir e bater à máquina. No Rio de Janeiro emprega-se em uma firma de representação de roldanas. Apesar de ganhar menos de um salário mínimo, orgulhava-se de sua profissão de datilógrafa. Na época da fábula, década de setenta, a datilografia era um dos requisitos principais para a inserção no mundo de trabalho em escritórios e os cursos de datilografia eram disputados pelos aspirantes a uma vaga de emprego, dada a importância dessa função.

No entanto, embora o exercício da datilografia implique mecanização, o trabalho de Macabéa não é mecânico, mas suscita, em parte, interferência, bem-estar e modificação. Embora a máquina de escrever no ambiente de trabalho imponha seu uso<sup>2</sup>, Macabéa resiste à padronização da escrita, pois reflete sobre as contradições entre linguagem escrita e falada. Apesar da ausência de educação formal média, Macabéa questiona o sistema ortográfico vigente da Língua Portuguesa. Resiste em escrever duas consoantes juntas, pois se angustia pelo fato de que não há homologia entre fala e escrita. Essa resistência demonstra que a personagem tenta exercer forças centrífugas em relação às forças centrípetas dominantes na ortografia escrita padrão culta. A personagem, aparentemente simplória e passiva, mesmo se utilizando de uma máquina de escrever, que exerce um papel de padronização na escrita, emerge como sujeito de volição a partir de seu questionamento, propiciado pelo exercício do trabalho cotidiano com as palavras. Recusa-se a apenas copiar e datilografar, demonstrando desejo de mudar e intervir:

Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra – a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina. E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa. Embora, ao que parece, não aprovasse na linguagem duas consoantes juntas e copiava a letra linda e redonda do amado chefe a palavra “designar” de modo como em língua falada diria: “desiguinar”. (p.15)

O trabalho de datilografar textos propicia uma certa reflexão sobre os termos que escreve, despertando a curiosidade pelas palavras, pelas letras e termos desconhecidos. Apaixonava-se por termos difíceis da Língua Portuguesa sobre os quais divaga. Um dos prazeres da nordestina é recortar e colecionar anúncios dos jornais velhos do escritório em que trabalha, lendo-os à noite, à luz de velas. O mundo fora do trabalho é também impactado e ressignificado pela atividade laboral. Entretanto, embora essa atividade lhe propicie certa subjetivação e problematização, não é socializada com os demais colegas

de repartição. Macabéa permanece solitária em meio a um entorno, em certa medida, impassível às suas necessidades e descobertas.

Embora o ambiente da firma de roldanas em que trabalha e os relacionamentos que aí estabelece, funcionem como elo social e de comunicação com o mundo, não se trata de uma vida plena de sentido no trabalho. O narrador refere-se à protagonista como um “parafuso dispensável”: “(...) Nem se dava conta de que vivia em uma sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável.” (p.29). Macabéa apresenta-se distópica, ou seja, não se enquadra na competência profissional mecanicista que lhe é imposta, cometendo desvios da norma ao datilografar de modo “errado” e se comunica pouco em seu ambiente de trabalho. A sua origem humilde e atitude passiva à hierarquia contribuem para o isolamento. Outrossim, essa situação alienante não é absoluta, uma vez que a personagem vê um sentido no trabalho que se estende também para a vida pessoal.

Quanto ao ofício da costura, não o exerceu mais depois que deixou sua terra natal, porém, lembra desse ofício quando passeia pela Zona Sul da cidade e permanece a olhar as vitrines de roupas acetinadas. O produto da vitrine não lhe é de todo estranho e alheio. Apreende vínculos entre o seu trabalho anterior e o que vê. Trabalho, trabalhador e produto entram em certa sintonia, nem que essa seja amena e ocorra em âmbito apenas individual. Na ótica do narrador, talvez a restauração dessa profissão proporcionasse mais dignidade e sentido à vida da personagem: “Aprendera em pequena a cerzir. Ela se realizaria muito mais se se desse ao delicado labor de restaurar fios, quem sabe se de seda. Ou de luxo: cetim bem brilhoso, um beijo de almas. Cerzideirinha mosquito. (p.26)

Vê-se, portanto, que há uma ponte entre trabalho e vida cotidiana para Macabéa. Esse trânsito entre uma esfera e outra, entre o labor coletivo e a vida privada, é elemento constituinte e formador da personagem, imprimindo-lhe certa complexidade.

Olímpico de Jesus, namorado de Macabéa é paraibano e foi criado pelo padrasto. Caracterizado como astuto e de caráter vil, almeja ser rico e famoso. Trabalha como operário em uma metalúrgica. Olímpico, assim como Macabéa, representa o nordestino pobre que se dirige à cidade grande no anseio de alcançar uma vida melhor. O contexto extraliterário representado na obra atrela-se ao período histórico de forte industrialização das montadoras de automóveis. O trabalho da personagem é braçal: “O trabalho consistia em pegar barras de metal que vinham deslizando de cima da máquina para colocá-las

embaixo, sobre uma placa deslizante. Nunca se perguntara por que colocava a barra embaixo”. (p.45).

Seu trabalho exige qualificação média e sua função é mecânica, trabalhando maquinalmente, sem se questionar explicitamente a esse respeito. Encontra-se dentro do sistema fordista-taylorista de produção<sup>3</sup>, que contribui para a alienação do operário, visto que este executa a atividade com pouquíssima margem de ingerência, negociação e subjetivação. Entretanto, embora não consiga subjetivar o trabalho como Macabéa, por estar assujeitado à linha de produção, deseja o exercício da política, almejando o trabalho imaterial. Interessa-se por discursos, política e quer ser deputado pelo Estado da Paraíba. O mundo do trabalho não propicia uma reflexão explícita, mas, com certeza, leva a uma atitude de rejeição em sua totalidade, fazendo com que a personagem deseje dele se afastar, abrindo-se para outras oportunidades. O trabalho mecanicista não coloniza a sua mente. A personagem é descrita como alguém pensante e que medita em mudanças.

Os negócios públicos interessavam Olímpico. Ele adorava ouvir discursos. Que tinha seus pensamentos, isso lá tinha. Acocorava-se com o cigarro barato nas mãos e pensava. Como na Paraíba ele se acocorava no chão, o traseiro sentado no zero, meditar. Ele dizia alto e sozinho: - Sou muito inteligente, ainda vou ser deputado. E não é que ele dava para fazer discursos? Tinha o tom cantado e o palavreado sebososo, próprio para quem abre a boca e fala pedindo e ordenando os direitos do homem. ( p.46)

A política, no entanto, não é pensada como atividade de representação do bem comum, de uma vontade coletiva. O trabalho político é visto por Olímpico como uma ponte para atingir os próprios intentos; acredita que com esta função terá *status*, riqueza e poder e deixará a vida medíocre que leva. Em sua concepção da política predomina o espaço privado, o *eikos*<sup>4</sup>, e não o público, a ágora. O trabalho aqui é representado e vislumbrado como uma ação individualista, perdendo seu potencial emancipatório enquanto elemento de mudança coletiva.

Por conta de suas aspirações, Olímpico rompe o namoro com Macabéa que não lhe pode oferecer ascensão social. Começa a namorar Glória, haja vista esta fazer parte da média burguesia, ser melhor remunerada e ter nascido no Rio de Janeiro, que para Olímpico era um ponto positivo, pois significava melhoria de *status* social.

A personagem Glória, carioca e de uma família de classe média, é colega de trabalho de Macabéa na firma de roldanas. Exerce o ofício de estenógrafa, que consiste em um método abreviado ou simbólico de escrita que tem por objetivo maximizar a

velocidade do ato de escrever e registrar simultaneamente o que está sendo falado. A atividade exige agilidade e mecanização. Por conta de sua função e origem social, o salário de Glória é maior. Não apresenta dificuldade com as palavras, conforme o texto nos informa e também não problematizava sua profissão, exercendo-a maquinalmente, sem refletir nas palavras e nos seus significados. O trabalho é aceito e realizado não propiciando a reflexão. E assim Glória é fora do trabalho, ou seja, não apresenta atitude reflexiva e questionadora. Trabalho e vida se interconectam.

A personagem Raimundo Silveira encarna o papel do burguês, medianamente culto e proprietário da firma de representação de roldanas. Chefe de Macabéa e de Glória tem afinidade pela leitura e gosta de palavras difíceis. Macabéa seduz-se pelas palavras, demonstrando certa sintonia com Raimundo, revelando-se que as relações de trabalho constroem mediações, contradições e desejos interpessoais. O ambiente de trabalho na firma de roldanas tem um papel socializador, haja vista que as relações de trabalho entre Macabéa, o chefe e Glória são de certa forma positivas, pois Glória se apieda da condição miserável de Macabéa, indicando-lhe a cartomante e o médico e o chefe pensa em demiti-la, mas não o faz, demonstrando haver certos laços de solidariedade laboral e pessoal. O universo laboral constrói uma certa ação comunicativa e coletiva, integrando, de certo modo, seus membros.

O personagem narrador do romance, Rodrigo S.M. trata do ofício de escrever e da tentativa de dar vida à sua personagem e à sua narrativa. Rodrigo dialoga com o leitor sobre o estilo da própria narrativa; considera-se mal sucedido e ironiza os próprios textos. Julga não se enquadrar em nenhum parâmetro social, refletindo como a sociedade o vê: “A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la e a classe baixa nunca vem a mim.” (p.19). Aqui, tem-se a visão de que o intelectual está fora da estratificação social. Essa perspectiva é bastante complexa e coloca o intelectual como “flutuante”, terminologia de Mannheim<sup>5</sup>. A linguagem literária é apresentada ora incomunicável, ora tendo poder de desestabilizar. A posição do intelectual trabalhador é questionada a partir de dois mirantes, o da classe alta e o da média, segundo o próprio narrador. Isso coloca o seu trabalho em confronto com a comunidade, apontando para a sua distopia. Entretanto, na obra em tela, é mais precisamente sobre a classe “incomunicável” que o escritor se debruça. O discurso romanesco se volta para o pequeno, o humilde, no anseio de se comunicar. Segundo

Bakhtin (1988), tem-se que o romance se volta, diferentemente da epopéia, para o não heróico: “Não só o riso, mas as lágrimas, o que é pequeno, o sentimental em vez do grande, do altivo, do eloqüente: o outro que não tem autoridade. O animal, a criança, a mulher fraca, o imbecil e o idiota, a florzinha, tudo quanto é pequeno, e assim por diante.” (p.379). Macabea é essa voz impotente, assemelhando-se à do escritor.

O trabalho imaterial do escritor, a partir do narrador, é uma tentativa de gerar a personagem Macabéa e acaba se transformando em um martírio para o narrador visto que, segundo ele, é necessário desnudar-se do seu universo intelectual, de sua erudição e de suas benesses de classe para penetrar no ambiente “oco” da personagem Macabéa:

(...) para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr no nível da nordestina. (p.19).

Aqui, apresenta-se a dicotomia entre o trabalho imaterial e o trabalho material. O narrador não consegue uni-los facilmente e destaca a antinomia entre ambos. Personagem e narrador estão em pólos sociais díspares e em campos laborais opostos. A problemática da estratificação social e cultural é evidente no texto. Rodrigo e Macabéa não fazem parte do mesmo contexto sócio-econômico. Ele exerce o trabalho imaterial e intelectual, vive do exercício da palavra e tenta narrar e apreender o externo, o extraliterário que lhe é estranho, alheio e resiste às palavras. Macabéa representa os sujeitos extraliterários que, embora constituídos, a partir das mediações do escritor, por essa palavra erudita, dificilmente terão acesso a essa construção. O trabalho imaterial parece incapaz de construir pontes de comunicação entre classes diferentes. O escritor cria a personagem a partir de certa realidade limitada a seu campo de visão. Essa criação do externo, no entanto, é inócua ao objeto recriado visto ser incomunicável a ele. Entre as palavras e as coisas há mais cisão que união. Daí reside o conflitante choque de visões de mundo de duas classes sociais antagônicas, com concepções de mundo distintas. O trabalho imaterial não agrega facilmente os sujeitos sociais. Vê-se que o autor embora tenha um excedente de visão<sup>6</sup> sobre a personagem, essa lhe escapa, não se deixando facilmente objetificar. Macabéa é dada como simplória, “oca”, mas em dadas situações, já mencionadas, emerge como sujeito complexo que por intermédio inclusive das palavras, toma consciência de si, mesmo que de modo tênue. Essa situação é destacada quando a personagem é seduzida pelo título da obra *Humilhados e Ofendidos*, de Dostoiévski que

jaz sobre a mesa do chefe. Por um instante, a sua condição humilde e de pertencimento de classe se revelam para ela e a personagem mais uma vez escapa à sua simplicidade e inconsciência. Autor e personagem não coincidem. A situação entre ambos é tensa e conflituosa. O externo contraditório e irreduzível migra para o interior do texto, constituindo-se composicionalmente uma vez que a própria linguagem do narrador sobre Macabéa não está isenta de contradições.

Por causa das constantes dores no corpo, Macabéa é aconselhada pela colega Glória a procurar um médico. Temos, então, a representação do profissional da saúde, que exerce a profissão sob a ótica do lucro e do *status*. O trabalho aí não socializa, não beneficia e nem dignifica quem o exerce. A estratificação social define a prática laboral que ocorre de modo reduzido e simplificado. A competência e a eficiência da atividade médica não são necessárias uma vez que são destinadas aos indivíduos desvalidos economicamente. A mediação de classe social esvazia a profissão:

Esse médico não tinha objetivo algum. A medicina era apenas para ganhar dinheiro e nunca por amor à profissão nem aos doentes. Era desatento e achava a pobreza uma coisa feia. Trabalhava para os pobres detestando lidar com eles. Eles eram para ele o rebotalho de uma sociedade muito alta à qual também ele não pertencia. Sabia que estava desatualizado na medicina e nas novidades clínicas, mas para pobre servia. O seu sonho era ter dinheiro para fazer exatamente o que queria: nada. (p. 67 - 68)

Há na narrativa, sinteticamente abordado, o ofício das colegas de quarto de Macabéa: Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria José e Maria apenas. São balconistas das Lojas Americanas. Balconista ou atendente é uma das profissões mais tradicionais do varejo e também uma função em que o desemprego é mais raro, visto que não exige qualificação mais complexa como, por exemplo, no setor industrial. Representando o setor de serviços, as “Marias” desempenham um trabalho anônimo, genérico e que exige pouca experiência e habilitação. O próprio nome das personagens e a narrativa breve e sintética sobre elas já denota sua substituição por qualquer outro (a). As colegas de quarto de Macabéa representam uma grande parcela dos trabalhadores, distribuída no varejo brasileiro, desempenhando uma função pouco satisfatória do ponto de vista de criar dignidade e decência para o trabalhador.

Por fim, temos a figura da cartomante Madame Carlota que atende os clientes em um apartamento térreo na esquina de um beco. Macabéa vai consultá-la por indicação da colega Glória, que segue fielmente os conselhos da sortista. De gênio forte e má índole,

M.me Carlota vale-se desse ofício para extorquir as pessoas e atingir seus intentos mercantis. A *mancia*, adivinhação do futuro é uma atividade muito antiga, tendo suas raízes nas civilizações orientais. Na antiga Grécia, o exercício da arte divinatória era atividade exercida pelos oráculos, que faziam as predições por meio de conexões com os deuses. O discurso, constituído entre o sagrado e o secular, previa o desenrolar tanto de eventos coletivos quanto pessoais do povo heleno. Baseados nas previsões do oráculo, o povo e seus líderes traçavam suas estratégias de domínio e sobrevivência.

As artes adivinatórias, na sociedade secular ocidentalizada, e com crescente nível de dessacralização, perderam grande parte do *status* que possuíam na antiguidade. M.me Carlota representa no romance uma figura falsária que faz do sortilégio uma atividade mercantilizada. Aqui o ofício é marginal tanto no sentido de perda de *status* em uma sociedade laica quanto de seu desvio dos âmbitos coletivos para o bem e o sucesso de uma comunidade.

### **Considerações finais**

Tendo por base as considerações de Cândido (1976) sobre a migração do universo externo para o interno na obra literária, chega-se às seguintes reflexões acerca do universo do trabalho como um dos elementos formalizadores das personagens. A ascendente industrialização no sul do país na década de setenta foi um chamariz para diversos trabalhadores, em especial os nordestinos, em busca de emprego no meio urbano, os quais estão representados, sobretudo, pelas figuras de Olímpico e Macabéa. O trabalho mecânico e alienador, aliado ao modelo fordista-taylorista, é desprezado, almejando-se o trabalho imaterial, na figura de Olímpico que deseja ser representante popular no legislativo. O ambiente de trabalho exerce papel socializador, haja vista as relações, em certa medida, positivas entre as personagens Macabéa, Raimundo e Glória. Esse ambiente propicia a Macabéa, de modo ameno e incipiente, uma certa consciência de pertencimento a uma classe social, o questionamento do trabalho intelectual e sua subjetivação e a ponte entre universo laboral e a vida cotidiana fora do trabalho. O trabalho mecanicista também pode enclausurar o que é representado pela personagem Glória, ausente de questionamentos e reflexões tanto na vida fora do trabalho quanto neste. O ofício do escritor é representado em suas contradições, desafios e insuficiências

à medida que se debruça sobre uma realidade que lhe resiste, que lhe é estranha, mas que sobre ela deve narrar algo. A escrita é mediada pela contexto e pela classe social, sendo impactada por esses mirantes. O trabalho imaterial é árduo, penoso, recriando o real, mas padecendo, muitas vezes de pontes com esse mesmo real. Na figura do médico observa-se o trabalho como um produto mercantilizado e que não dignifica ou socializa, uma vez que distorcido pela estratificação social. Sucintamente, tem-se a abordagem do ofício das “Marias” caracterizado como um trabalho alienado, anônimo e genérico, o que exige pouca qualificação. E por fim, o ofício da cartomante representado como um artifício de engodo e extorsão, esvaziado por um contexto moderno em que a ciência impera sobre o místico, desautorizando essa atividade cuja genealogia remonta à Grécia antiga quando gozava de *status* e proeminência na sociedade. Assim, vê-se que o universo do trabalho se encontra presente na obra e a narração sobre ele destaca uma série de contradições de classe, de saberes e de sentido. Clarice Lispector fez migrar o âmbito do trabalho para o interior do discurso ficcional e demonstra que aquele pode tornar ou não significativa a vida de certas personagens.

## Referências

- ANTUNES, R. *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a Afirmação e Negação do Trabalho*. 6 ed. São Paulo: Boitempo, 1999.
- BAUMAN, Z. *Sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BAKHTIN, B; VOLOSHINOV, N. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.
- CANDIDO, A. Crítica e Sociologia. In: *Literatura e Sociedade*. 5 ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- ENGELS, F. *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. 4. ed. Rio de Janeiro: Global, 1990.
- LISPECTOR, C. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LUKÁCS, G. .The ontology of social being: Labour. Londres: Merlin Press, 1980.
- MANNHEIN, K. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- MARX, K. *A Maquinaria e a Indústria Moderna*. In: *O Capital: Crítica da Economia Política*. Trad. Reginaldo Santanna. 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1986.
- RÜDIGER, F. *Martin Heidegger e a questão da técnica: prospectos acerca do futuro do homem*. Porto Alegre: Sulina, 2006.



<sup>1</sup>Reporta-se a Bakhtin e Voloshinov, 1986, visto que é imprescindível se explicitar a concepção de linguagem subjacente a esta análise uma vez que o objeto de estudo se constitui de palavras que são a matéria prima da Literatura.

<sup>2</sup>Dialoga-se com Rüdiger, 2006, que enfatiza a posição de Heidegger sobre a questão da colonização do pensamento e da linguagem por intermédio da imposição do maquinismo e da máquina sobre o trabalho cotidiano. Nessa obra, destaca-se a imposição de certa uniformização e padronização da escrita tanto da máquina de escrever e a *posteriori* do computador na editoria de textos. A máquina, imperando sobre o corpo, ou seja, sobre, neste caso, a mão do escrevente, impõe um certo ritmo e padrão de trabalho que coloniza também o pensamento que se torna maquinístico.

<sup>3</sup>Antunes (1999), seguindo estudos clássicos sobre trabalho, entende fordismo-taylorismo como a forma pela qual a indústria e o processo de trabalho daí decorrente consolidam-se ao longo do século XX, cujos elementos constitutivos básicos são dados pela produção em massa, através da linha de montagem e de produtos mais homogêneos. O trabalhador é praticamente desprovido de volição e interferência na gestão da produção, ocorrendo sua parcial reificação.

<sup>4</sup>Toma-se a discussão de Bauman sobre a ascensão da sociedade individualizada em que o indivíduo somente entra na ágora para se beneficiar individualmente. O crescente individualismo e o enfraquecimento do coletivo é visto como nefasto, sendo uma força constituinte da sociedade globalizada sob a égide do capital e do consumo. A privatização do coletivo, historicamente construída no Brasil, é dada por autores já clássicos como Freyre, Buarque, Caio Prado e DaMatta.

<sup>5</sup>Para Mannhein (1986), o intelectual, embora advenha de uma classe social, dela se desvincula parcialmente, ao exercer o papel de intelectual. Ele se aloja em uma camada intersticial da sociedade visto que seu pensamento de síntese se atrela a saberes mais amplos que o estrito de classe. Contém a classe, mas não exclusivamente, levando-o a ter de si uma visão de imparcialidade e de distopia social.

<sup>6</sup>Toma-se a discussão de Bakhtin, 1988, sobre as relações entre autor e personagem em que aquele, embora tenha uma perspectiva exotópica em relação à personagem, esta, em certos romances, não se submete à total objetificação, entrando em confronto com o autor.